

O jantar

Guilomar de Grammont

Eu o matava em pensamento. Renovava aquela morte a cada instante, com ódio, com toda intensidade que podia alcançar. Enterrava-o vivo. Seu corpo, asfixiado. Cada poro de sua pele coberto de pó. Imaginava-o lutando, esforçando-se para sorver uma cõdea que fosse de ar. Eu, que em algum momento quis morrer com ele, só porque o maior amor que conseguia imaginar era aquele que se entregava à morte. Não. Ele não podia mais existir. Tinha que ser enquanto ainda o amava. Era minha a culpa? Eu, que deixei meu mundo para segui-lo? O leite. O leite escorrendo no asfalto. Eu o quis tanto! Queria retê-lo, possuí-lo, guardá-lo.

O filho que ele tanto quis, em meu ventre. Sua voz, seus gestos, seu olhar... Seu pênis dentro de mim, me devorando e me enlouquecendo, multiplicando-se em vibrações na minha pele. Fazer amor eternamente: Pura foda ensandecida. Imanência. Cheiro, som, tato. Deixar de ser, deixar de existir. Me dissolver na escuridão da noite. A noite do meu corpo. Eu o queria! Amava-o tanto que tinha parado de pensar: pensar doía.

(Olhei e vi, os dois juntos, do outro lado da rua. O pacote de leite escapou da minha mão. Plaft! Arrebentou no chão. O susto maior do que eu. Leite escorrendo em minhas pernas, em minhas mãos).

Preparei tudo. Tinha ainda a chave do

barracão dele. Telefonei:

- Olha, desculpa. Tá tudo bem. Não quero mais te encher o saco. Vou te devolver a chave, tá? Acabou. Eu sei. Entendi.

- Que bom te ouvir falar assim. Você parecia tão alterada! Fiquei preocupado. Não queria te magoar, juro. Olha, eu tô cansado. Preciso dar um tempo, não quero mulheres na minha vida agora, tenho que pensar um pouco.

Cachorro. Mentiroso. Filho da puta. A terra. A terra em cima dele. Caindo, caindo. Escorrendo pelo buraco profundo. Ele levantava os braços para a superfície, pedia socorro.

- É. Eu também. Quero dizer... também preciso dar um tempo. Acho que a gente foi meio longe demais, né?

- É, mas valeu a pena. Foi divertido, não foi?

“Divertido?” Di-ver-ti-do? Toda a minha vida e foi “divertido”? Não. Acho que a morte era pouco. Instrumentos de tortura desfilaram na minha cabeça.

Esquartejar. Arrancar os dedos, um a um. Talvez ele ficasse bem sem nariz. De repente, pensando no nariz, entendi o que ia fazer.

- Puxa, foi mesmo. A gente se divertiu a valer. Pena que essas coisas duram pouco, mas é assim mesmo, não é? Bom, que tal a gente se despedir como bons amigos? Na quinta eu tenho um tempo à tarde: podia dar um pulo aí, se você não ligar.

- Ahnnn... Não, quinta eu não posso.

Tenho que trabalhar.

Sei. Não pensei que agora isso chamava “trabalhar”.

- Quarta tá bom pra você? É, tá. Pode ser.

Passei a semana toda pensando no cardápio: me decidi por lagostas.

Lagostas seria perfeito. Frutos do mar, uvas. Nereu e Dionísio, náiade e ninfa. Comprei o melhor vinho que podia pagar. Cheguei bem mais cedo para preparar tudo. Um baque ao entrar de novo na casa que, há algumas semanas, era nossa.

Ele também teve uma surpresa desagradável ao abrir a porta e encontrar, como antes, a toalha de linho, os candelabros, enfim, a mesa sofisticada, destoando do aposento rude e simples. Quando entramos na sala despojada pela primeira vez, depois de nos casarmos, ele apertou meu braço, quase me machucando: “Não quero que você leve nada da sua casa. Nada! O que eu não puder comprar não entra aqui.” Na época, gostei. Achava que era feliz, mas, com o tempo, vi que as paredes nuas me incomodavam. Um vazio. O vazio. Fechava os olhos: os natais da minha infância. Velas, bolas coloridas, taças de cristal. “Tantos presentes? É tudo pra mim?” Meu avô me rodava no ar.

- Pra quê tudo isso? Achei que você ia só deixar a chave.

- Não se preocupe. Não é nada do que você tá pensando. Só queria me despedir direito, conservar boa a minha última lembrança. Afinal, nosso último encontro foi terrível.

- Ah, bem. Então tá. Ele murmurou sem convicção e completou, um pouco embaraçado: - Vou tomar um banho, tá? Tirar esse macacão.

Saiu do banheiro ainda mais inquieto. Contra seus hábitos, completamente vestido. Sentou-se. Dei-lhe a garrafa de vinho. Abriu, sem dizer nada.

Brindamos:

- Ao nosso passado!

Compartilhou a contra-gosto da minha euforia. Depois da primeira taça já estava sorrindo. Falei do meu trabalho, disse coisas engraçadas sobre alguns amigos comuns, fingi displicência ao imaginar como iriam receber nossa separação. Morria por dentro. Contei meus planos para o futuro. Acreditei em minhas próprias mentiras. Já parecia embriagada antes de começar a beber. Abri a segunda garrafa. Ele protestou,

sem convicção. Estava alegre e loquaz. Ah, como eu adorava aqueles olhos, aquela boca, as mãos que me tomavam com tanta força!

Com o pretexto de que estava quente, tirei a blusa. Eu, que só fazia amor com as luzes apagadas. Não tinha vergonha. Diante da morte, tudo é permitido. Toda liberdade. Toda. Senti que seria capaz de sair nua pelas ruas naquela noite.

Ele susteve a respiração ao ver meus seios. Eram os seios de uma mulher que tinha tido uma filha, que a amamentara por muito tempo. Naquele momento, compreendi que não eram feios. Não eram os seios das revistas, eram os meus seios. Meio bêbada, rindo, encostei o copo gelado nos seios, e deixei o vinho escorrer sobre eles. O leite. O leite escorrendo nas minhas pernas.

Ele se levantou, cego de desejo. Tomou o copo da minha mão. Puxou meu cabelo, me obrigando a deitar-me no chão. Ajoelhado sobre mim, derramou o vinho em meu colo, em meu umbigo. Bebeu naquela taça minúscula e começou a lamber o resto, como se quisesse comer minha pele. Puxou a saia com força, com calcinha e tudo. Nunca teve paciência. Não tinha tempo, nem sensibilidade para isso.

Me penetrou com violência, como se nunca tivesse me visto, como uma curra. É isso que você quer, não é? Eu sei! É isso que você quer! Eu gemia, ódio e prazer. Empurrei-o e sentei-me sobre ele, nua. Cavalguei-o até a exaustão. Ele gozou, gemendo.

O leite. O leite escorrendo dos meus seios. Das minhas pernas. Eu: um reservatório de leite e de porra. Ficamos deitados no chão, um ao lado do outro. Ele abriu os olhos, me olhou, amortecido, mas intrigado.

- Não preocupa. Tudo bem. É normal casais que separam transarem sem querer. Não quer dizer que a gente vai ficar junto.

Grunhiu qualquer coisa. Estava bêbado e cansado. Costumava acordar muito cedo para ir ao trabalho. Levantou cambaleando e se deitou na cama. Passei muito tempo olhando-o. Decorei cada linha de seu corpo. Observei os pelos, um ou outro sinal nas espáduas. Não sei quanto tempo fiquei ali, ouvindo a cadência regular da respiração, um suspiro pelos lábios entreabertos. Ele parecia tão frágil, tão

humano!

Tive pena. Levantei-me para ir embora. Não. Eu não queria ir embora. Queria fazer o que tinha planejado. Estava lúcida, inexplicável e terrivelmente lúcida. Pensei comigo mesma: por que? Parecia tão estranho agora! Como se estivesse me assistindo e, ao mesmo tempo, vivendo uma realidade tão intensa que eu nem parecia estar lá: era puro ato. Todas as circunstâncias se dissolviam: não conseguia me lembrar quem era, o que estava fazendo ali... só sabia o que queria e devia fazer. Tirei a pistola da bolsa: já tinha comprado com o silenciador. O vendedor não disse nada. Apenas montou pra mim e me mostrou como usar. O dinheiro escorregou sobre a madeira, a bala, na agulha. Aproximei-me dele. Armei-a bem próxima da sua testa. Esperava que ele se mexesse ou acordasse. Fiquei assim longos minutos. Ele parecia à espera. Parecia querer. Não percebi quando apertei o gatilho. O sangue espirrou em meu rosto. Em minhas mãos. (O leite. O leite escorria

em minhas mãos). Seus braços e pernas se debateram um pouco. Um boneco. Acabou. Só isso? Não era possível que fosse só isso. Não me arrependi. Não tive vontade de fugir. Não senti nada. Sequer prazer.

Peguei a faca em cima da pia. A mancha na testa. Sabia que ele estava morto mas, ao mesmo tempo, não sabia, não sentia. O pênis descansava em cima da perna. Peguei a faca e o cortei. Era difícil: escorregava, a pele escapava. A faca parecia cega. O sangue corria, grosso e negro. Consegui.

Preparei o prato no fogo. Uvas e castanhas ao redor. Não tinha muito bom aspecto, mas me pareceu bem com as uvas. Queria mesmo jantar com ele...

Então, fui lá fora, joguei os restos para os cães.

Apaguei a luz sem olhar o corpo e saí. Entrei no carro, acariciei minha barriga. Dei partida. Sentia-me bela, plena, absoluta.

Alimentada.

